



Rico

o embaixador do surfe
a biografia

— em depoimento a —
João Marcelo Garcez



LACRE

Chega uma orelha que vou te contar. Conheci o Rico no antigo primário do Colégio Santo Agostinho. Foi lá que, sob pequenos pecados, fizemos a primeira comunhão. Depois, entre ondas, nos encontramos pelas praias da vida.

Rico sempre foi rico de amigos, rico de aventuras, rico de ondas, rico de pranchas, rico de Havaí, rico de Arpoador, de Píer, de brigas e também de fugas históricas dos “homens”, que queriam confiscar nossas pranchas e a nossa liberdade.

Foi ainda rico de shows, rico de família, rico de Saquarema, rico de oficinas de pranchas e roupas de surfe. Rico era querido de todas as praias e picos. Rico de travessias, remadas e braçadas inusitadas, nunca dantes experimentadas.

Rico dos boletins diários de ondas e picos. Rico de feitos, fatos, fotos e filmes de momentos inesquecíveis da memória. Rico de sonhos, que mergulharam na real e que estão hoje tatuados em nossa alma. Rico das ondas bem-servidas, que quebram e rolam atravessando o tempo, os mares e marés dos oceanos da vida.

Aloha, campeão Rico, e que Deus olhe sempre de perto a nossa tribo.

— **Evandro Mesquita** —

*Cantor, compositor e ator.
Vocalista da banda Blitz*

Rico

o embaixador do surfe
a biografia

— em depoimento a —
João Marcelo Garcez



LACRE

Rico

o embaixador do surfe

a biografia



Aloha, Rico!

Mesmo antes de sustentabilidade ser sinônimo de responsabilidade, a Saint-Gobain Canalização já adotava o slogan ***O Caminho Seguro das Águas***. Como parte de uma corporação internacional que tem como propósito contribuir para fazer do mundo um lugar melhor para todos, a Saint-Gobain Canalização sempre esteve engajada com a preservação ambiental e com o crescimento social e econômico do Brasil. E isso não é de hoje. Desde a descoberta do processo de centrifugação para a fabricação de tubos de ferro fundido, em 1915, estamos presentes e comprometidos com o desenvolvimento do país. Hoje nos orgulhamos muito de transportar água para milhões de pessoas ao redor do mundo através dos nossos produtos.

Nosso compromisso com a sustentabilidade também se vê presente em todas as comunidades onde temos operações fabris. Além dos projetos sociais para a capacitação e melhoria da qualidade de vida destas comunidades, implementamos programas para reduzir ao mínimo os impactos ambientais resultantes das nossas operações. Na nossa unidade de Barra Mansa, por exemplo, adotamos processos de tratamento e reuso de até 90% dos efluentes, reduzindo a necessidade de captação de água do Rio Paraíba do Sul de 800m³/h para aproximadamente 150m³/h, ou seja, além de promovermos o tratamento das águas do rio, com o reuso, economizamos seis milhões de litros de água por ano.

É por isso que faz todo o sentido para a Saint-Gobain Canalização participar deste livro. Além de ser a principal voz do surfe profissional e ter uma conexão íntima com a água, Rico de Souza é embaixador do ***Instituto Trata Brasil***, a mais importante organização voltada à proteção dos recursos hídricos do país. Depois de conquistar alguns dos maiores títulos no Longboard mundial, hoje Rico se dedica às suas grandes paixões: o surfe e o mar. Como ele mesmo diz, “o praticante do surfe é um ambientalista por vocação” e, para a Saint-Gobain Canalização, é uma honra contribuir com seu trabalho e fazer parte desta história.

Com o amigo Rico aprendemos que *Aloha*, mais do que uma saudação, significa um estado de espírito, uma atitude de compartilhar boas energias. Por isso, nosso sentimento final não poderia ser outro senão mandar também nosso ***Aloha!*** e desejar muito sucesso para este e todos os projetos do nosso querido amigo das águas, da natureza e da vida, Rico de Souza.

– **Gustavo Siqueira** –
CEO LATAM SAINT-GOBAIN CANALIZAÇÃO

Copyright @ Rico de Souza, 2021

Coordenação editorial
Flávia Portela

Entrevistas e redação final
João Marcelo Garcez

Projeto gráfico e diagramação
João Marcelo

Foto de capa
Fedoca Lima

Fotografia
Bernie Baker, Denise Leão, Eurico Dantas / Agência O Globo, Fedoca Lima, Freddy Koester, Luciano Cabal, José Luís Borges, José Renato / Agência O Globo, Marinho Santiago, Mucio Scorzelli, Nilton Barbosa, Paul Cohen (Gordinho), Paulo Moreira / Agência O Globo, Pedro Tojal, Rick Werneck, Ricosurf.com, Sentimental Filmes, Sergio Leandro (Ratinho), Tito Rosemberg

Revisão
Fatima Machado

Marketing e divulgação
Bruno Badia, Dlogo Mourão, Paula Rossi e Vitor Faria

Assessoria jurídica
Luiz Affonso Chagas Filho e João Augusto Mendes

Pesquisa fotográfica
Gabriela Gorgulho

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Souza, Ricardo Fontes de.
Rico, o embaixador do surfe : a biografia /
Ricardo Fontes de Souza ; em depoimento a João
Marcelo Garcez. -- Rio de Janeiro : Editora Lacre,
2020.

ISBN 978-65-990375-6-6
1. Souza, Ricardo Fontes de, 1952- 2. Surfistas -
Autobiografia 3. Surfistas - Brasil I. Garcez, João
Marcelo. II. Título.

20-48189 CDD-797.32092

Índices para catálogo sistemático:
1. Surfistas : Autobiografia 797.32092
Cibele Maria Dias - Bibliotecária - CRB-8/9427

A produção deste livro empregou todos os esforços para identificar e contactar cada uma das personagens retratadas nas fotografias, assim como os autores das imagens ou seus eventuais herdeiros e sucessores. Porém, alguns não foram localizados. O autor Rico de Souza e a Editora Lacre estão inteiramente à disposição de todos para a inserção dos créditos de autorização.

Este livro está revisado segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.



SUMÁRIO

| | | | |
|---|-----|--|-----|
| Apresentação | 10 | .15 Rickson Gracie vs. Byron Amona: o duelo que tentei evitar | 124 |
| .01 Molecagens na infância | 12 | .16 Fuga, perseguição e heroísmo | 132 |
| .02 Armações ilimitadas | 20 | .17 Fast Eddie e os Black Trunks | 140 |
| .03 Um jovem e obstinado empreendedor | 24 | .18 O windsurf no Brasil: uma nova modalidade | 148 |
| .04 Contra a implacável marcação do pai | 30 | .19 A lenda Eddie Aikau | 152 |
| .05 Vivendo perigosamente | 34 | .20 Remada além-mar | 158 |
| .06 A primeira madeirite a gente nunca esquece | 40 | .21 Boas ondas no altar | 166 |
| .07 Entre jabuticabas e lampiões de gás | 44 | .22 Perrengues no Havaí | 170 |
| .08 Arpoador, o berço do surfe brasileiro | 50 | .23 O voo da agonia | 180 |
| .09 Pier de Ipanema – Surfe, arte e cultura | 56 | .24 O maior sufoco da minha vida | 186 |
| .10 Saquarema, o Maracanã do surfe nacional | 60 | .25 Surfando com a tocha olímpica | 192 |
| .11 Campeão pela primeira vez longe do Rio | 66 | .26 Surfando na economia | 198 |
| .12 O vestibular da confusão | 72 | .27 Por trás dos recordes mundiais | 210 |
| .13 A porta que virou uma roubada | 78 | .28 Orgulho e gratidão | 218 |
| .14 O sonho do mundial no Brasil | 118 | | |

APRESENTAÇÃO

RICO, RIQUEZA DO BRASIL

- Pedro Bial -

Se alguém chegasse ao Píer de Ipanema, naquela primeira metade dos anos 1970, e dissesse que o Brasil seria uma superpotência do surfe, hegemônico, tetracampeão mundial, iam perguntar:

“Que ácido é esse, maluco?! Libera aí...”

Nem a Liga Mundial de Surfe existia – seria fundada em 1976*, ano em que o lendário píer ipanemense já tinha sido desmontado e virado isso mesmo, lenda. Mas podem crer no que vos digo: as raízes da Brazilian Storm já cresciam profundas nas Dunas do Barato, pegadas calcadas na areia mole, botando os tatuís pra correr – eram os pés de um profeta cabeludo, dentucinho e careta, mas que, dentro e fora da água, tinha altos visuais, enxergava primeiro a série que se aproximava.

Na real, as sementes do surfe brasileiro Rico de Souza plantou na Praia de Ipanema, antes das tubulações do emissário submarino, surfando as gordas e longas esquerdas do Arpoador, menino pioneiro.

Não conheço os detalhes da transação, mas asseguro que o cara fez um pacto com os deuses do mar, dos gregos aos afrobaianos, não precisou vender a alma, mas deu um jeito de criar guelras no desejo.

Fidelidade perene ao esporte (e à filosofia de vida que ele irradia), Rico nunca esmoreceu, nem nos dias de maior flat; seguiu dropando em seu projeto existencial.

Comparo Rico de Souza a um determinado acidente geográfico: o Sorriso. Esse é o apelido de uma laje de pedra em Ipanema, que, ao fazer quebrar antes as ondas a caminho da praia, anuncia a série com seus dentes de espuma branca. E quem tá dentro d'água para além da arrebentação se põe a remar, gritando: “Sorriu, sorriu!”. Rico nos sorriu para avisar da grande onda do surfe brasileiro, que vinha, veloz, do horizonte, e que só ele viu e acreditou.

Ele nos sorri ainda, vontade de pedra, gentileza de espuma, carioca do bom, de sotaque mole e palavra firme, sério como uma criança erguendo castelos de areia.

*O Mundial do ano anterior, promovido por iniciativa de Rico, ainda não carregava a chancela da IPS.

Molecagens na infância

.01



Ainda criança, mas já apaixonado pelo mar. Acervo pessoal

Como uma onda no mar, nasci, em 1952, já no quintal de casa – a quadra da praia. Filho de Léa e Sebastião, morava na João Lira 31 com meus pais e irmãos, Edu e Cacá, no agradável bairro do Leblon, Zona Sul do Rio de Janeiro. Receber as boas-vindas do mar seria, assim, uma mera questão de tempo ao caçula da família.

Era mamãe quem me levava. E bastava eu colocar um pé na água para que, vigilante, repetisse exaustivamente uma recomendação que já sabia de cor: *Rico, só na beirinha, hein?* Minhas primeiras sensações no mar seguiram um rito maravilhoso de iniciação naquele que seria para sempre meu companheiro de vida.

Cresci, passei a sair sozinho, mas não podia ir além da esquina. Assim mandavam Sebastião e sua eterna rigidez. Quando garoto, meu pai apanhava de palmatória; era, ao menor deslize, implacavelmente reprimido pelo vô. Mas nos era carinhoso – à sua maneira, claro, mesmo tendo sido criado sob a crença de que demonstrar sentimento era sinônimo de fragilidade.

Aprendi cedo a pegar jacaré, uma parada que se tornaria viciante. Achava uma delícia deixar meu corpo deslizar por entre espumas de ondas médias e velozes. Mas era comum, na adrenalina, tomar também uns caixotes, fazia parte da brincadeira. De saldo, ficava com cara, peito, braços, pernas, bunda, o diabo a quatro ralado.

Mas nem isso era levado em conta pela galera, que zoava muito quando alguém se estrepava. Do caldo à vermelhidão do corpo, nada era perdoado. Numa época em que ainda nem se falava em surfe e bodyboarding, o jacaré foi, por algum tempo, a menina dos olhos da garotada.

Estávamos no início dos anos 1960. Naquela época, João Gilberto, Tom Jobim e Vinicius de Moraes já haviam lançado a Bossa Nova. Despontavam ainda nomes como Nara Leão, Carlos Lyra, Roberto Menescal e Ronaldo Bôscoli. Lembro dos festivais de MPB que eram realizados no Maracanãzinho, sempre lotados, com apresentações de Chico Buarque, Gilberto Gil, entre tantos outros, como o próprio saudoso João. No Leblon, região da boemia carioca, patotinhas iam sendo formadas durante festas regadas a vinho e champanhe em apartamentos sempre amplos e bem-decorados.

Eu também tinha a minha galera, mas uma bem diferente daquelas com sobrenomes tradicionais da *high society* carioca. Era uma turma que queria se afirmar; todos viris, cascas-grossas, em busca de adrenalina e confusão. Eu, menorzinho, era tratado como mascote, embora não ficasse para trás nos quesitos marra e coragem.

Muitos moravam no Edifício Gaivota, como os *brothers* Serginho e Silvinho, além de Douglas, Léo e Carlinhos. Também na mesma rua, vivia o mais cascudo deles: meu parceiro Vanderlei, com quem me arriscava nas mais cabeludas travessuras. Tais transgressões acabariam permeando toda a minha infância, da qual também fizeram parte dois como Beto Pedra, Barriga, Jorge Maluco, Tonel, Meio-quilo, Zé Português, Bofélia, Max, Miltinho Pé-de-vaca, os irmãos Gugu e Orosco, entre outros.

Era apelidado de Riquinho, antigo e popular personagem das histórias em quadrinho. Foi assim que passei a ser chamado por amigos como Celsinho, Lui Bogossian e Robertinho, e até por quem não era da rua, como Neizinho.

Mas eram as galeras da José Linhares e da Cupertino Durão que mais bem representavam os jovens malucos e abusados do Leblon. Testosterona nas alturas, afirmavam-se através dos punhos nas porradas que comiam pelas ruas do bairro, quase sempre iniciadas sem motivo.

Provar que eram *machos* alimentava o ego daquele grupo barra-pesada viciado em confusão. Carentes de autoestima positiva, orgulhavam-se do status e do respeito que adquiriam a cada nocaute.

Com várias turmas rivais dividindo quadras próximas, o clima de faroeste estendia-se aos adjacentes bairros de Ipanema e Copacabana. Como se disputassem territórios, líderes espreitavam inimigos que ousassem frequentar sua área, muitas vezes nas baladas de sábado. Era por razões assim que o pau quebrava geral entre os mais velhos das turmas da Barão da Torre, da Barão de Ipanema, da Cupertino Durão, do Edifício Jornalista, da Periquiti (sorveteria) e da João Lira.

Procurava me esquivar de enfrentamentos assim. Era muito garoto e, apesar de me sentir respaldado pelos maiores, não seria lá muito inteligente um magrelinho desafiar brutamontes que desconheciam limites – o clima de vale-tudo era ainda reforçado pelo uso de cassetetes e socos-ingleses.

Mas quando não havia escapatória e me embolava com alguém, quase sempre saía machucado, como na vez em que, num ato de pura covardia, Orosco me deu um soco na boca enquanto brincava no prédio do Tonel. Eu devia ter uns dez, doze anos, pesava a metade dele, que era bem maior do que eu. E nem lembro se dei motivo. Mas é bem provável, já que eu perturbava mesmo.

De Copacabana ao Leblon, pipas coloriam o céu da Zona Sul, já naturalmente privilegiado em sua composição com as belezas naturais da região. As minhas eram feitas com esmero e prazer por minha mãe, sempre muito caprichosa em tudo que colocava as mãos. Suas pipas tinham formato tradicional de pentágono, além de cabresto triangular e rabiola.

Exibia-as orgulhoso nos campeonatos que movimentavam os bairros, e que acabavam por reforçar o espírito de competição entre as galeras, que rivalizavam em praticamente tudo: quem soltava a pipa mais alta, qual era a mais bonita, quem passava mais cerol, quem conseguia cortar a linha da turma rival. Quando isso acontecia, os caçadores de adrenalina, sangue fervendo, chegavam às vias de fato, colocando um pouco mais de tempero na disputa.

O Rio de Janeiro ainda tinha linhas de bondes elétricos nos anos 1960, embora o transporte viesse sendo paulatinamente extinto. Novas vias começavam a ser construídas, iniciando efetivamente a cultura de carro na cidade. Mas nada tão intenso que atrapalhasse as quentes e concorridas peladas de rua, improvisadas com chinelos na demarcação das traves.

Naquela época, a Seleção Brasileira ostentava o título de bicampeã mundial, depois de triunfar na Suécia e no Chile, diminuindo o trauma da derrota de 1950. A falta de autoestima dos brasileiros traduzida na expressão “complexo de vira-latas”, criada por Nelson Rodrigues depois do *Maracanazo*, já não se refletia. Peladeiros trajavam uniformes do Brasil e de clubes da cidade, espelhando-se em ídolos de Fluminense, Flamengo, Vasco, Botafogo, América e Bangu. Havia ainda aqueles que, pegando carona na gigantesca popularidade do craque Pelé, apareciam vestidos com a camisa do Santos.

Diferentemente de meus irmãos Edu e Cacá, eu não tinha nenhuma intimidade com a bola, sobretudo quando jogada naquelas ruas irregulares de paralelepípedo. Por outro lado, esbanjava um preparo físico invejável. E com o tempo, até que acabei me percebendo um bom marcador, o que talvez fizesse de mim um eficiente quarto-zagueiro ou volante¹, mas daqueles vacas-bravas, pois eu entrava duro, na canela, embora também vivesse machucado quando a porrada estancava.

Já papai, este sim, fora atleta quando jovem. Conhecido como Vianinha, integrou o quadro de goleiros do Flamengo na década de 1920 (rubro-negro doente, foi também dirigente do clube depois que pendurou as chuteiras). E como aconteceria futuramente comigo no surfe, também sofreu com o preconceito. Nem meus avós o apoiaram em sua escolha. Naqueles tempos, consideravam o futebol coisa de gente malandra e sem futuro.

Mas era na areia que as partidas atraíam multidões, num momento em que a praia já havia sido descoberta pelos cariocas como espaço de lazer. A coisa era tão bem-organizada que em Copacabana, Ipanema e Leblon rolavam os mais acirrados campeonatos, com times divididos

¹ Posição em que o jogador ocupa a linha de centro e cuja função é fazer a transição entre defesa e ataque, além de recuperar a bola quando em posse do time adversário.

de acordo com a geografia do bairro. Geraldo Mãozinha, Santoro, Gago e Murilo, craques da época, defendiam equipes como Lá-Vai-Bola, Radar, Dínamo, Sangue e Areia, Royal, entre outros. Os caras jogavam o fino; a parada era mesmo um sucesso.

Já a *minha* parada estava a metros dali – o mar. Além do jacaré, havia adquirido gosto também por mergulho e pesca à linha, o que fazia geralmente acompanhado de amigos. Em dias em que a correnteza estava mais forte e o mar, grande, a galera aproveitava para pegar onda com boias de carro, se jogando nas maiores da série. Tinha um cara, o Padilha, que entrava com boião de avião. Para conseguir chegar atrás da arrebentação, precisava ser levado para fora pela correnteza, e para isso contava com a ajuda de valas fortes, comuns na época.

Lembro também do Kadinho, um grande amigo meu. O *Animal*, como eu carinhosamente o chamava, sempre desafiava o mar quando estava grande, surfando só de peito. Já a curtição do Tonel e do Zé Português era ficar bem embaixo da arrebentação. Quando a onda vinha, os doidos tomavam na cabeça e eram levados sem respirar até a beira da praia.

Eu também gostava de desbravar o mar em dias assim. Era uma representação de coragem, uma forma de afirmação, como ingenuamente acreditávamos. E quando o mar subia até a calçada, logo uma multidão se aglomerava para ver a rapaziada pegando onda de peito.

Um dia, o Max, que era bom de porrada, se meteu a cair num mar enorme. Acostumado a desafiar todo mundo, não tinha, contudo, experiência para isso. Quando eu o percebi apavorado, sem controle total da situação, dei cobertura a ele, até que saísse da água. O valentão ficou agradecido e acabou virando amigo logo do mascotinho da turma.

Escondidos, íamos à noite por uma estradinha carregando sob os braços a razão da adrenalina de dali a instantes. No horizonte, descortinava-se uma panorâmica maravilhosa das praias de Ipanema, Leblon, Arpoador e do Cristo Redentor. Estávamos num mirante do Leblon conhecido como Sétimo Céu, cenário de noites memoráveis e radicais em que, sujeitos a todos os tipos de fermentos, descíamos ladeira abaixo sem qualquer proteção sobre arcaicos carrinhos de rolimã. Brisa fresca soprando o ros-

to, misturada à maresia, íamos por vias escuras, aparados apenas pela luz da lua e dos faróis dos carros que iam nos acompanhando.

Mas quando era dia, extraíamos adrenalina e diversão de umas brincadeiras meio agressivas, como pastelão, carniça e corredor polonês. Havia também algumas tranquilas, as tradicionais da época, como bafo-bafo, pião, amarelinha, polícia e ladrão e bola de gude.

Completava este primeiro ciclo de minha infância o tradicionalíssimo taco, até hoje praticado em praças públicas. Para rebater a bolinha de tênis, parecidos com um taco de beisebol, improvisávamos pedaços de madeira para acertar uma casinha de gravetos. Quando não vidraças.

Às vezes, até propositalmente, sobretudo as daqueles vizinhos que considerávamos mais marrentos e que, claro, não gostavam nada da gente. Vidros estilhaçados, ato contínuo, lá estava a antiga Rádio Patrulha para atender ao chamado de moradores irados e possuídos. Era chapa quente.

Ou bucha quente, de balões enormes que a galera se juntava para soltar. Era minha mãe que fazia, especialmente em época de São João. Mas, coitada, não imaginava o perigo que eles representariam em nossas mãos. Lembro do Sobral, um dos vizinhos mais mal-encarados das redondezas. Não tinha filhos, era amargo. Ter visto um balão de dois metros pegando fogo em seu quintal só podia ter cheiro de merda.

Mas *os anjinhos*, àquela altura, há muito já não estavam mais lá para sentir.

“

Rico era ainda uma criança quando, ao pegar sua mão, senti que viajaria pelo mundo. Cresceu, passou, de fato, a sair muito, era comum fugir de casa. Rico sempre foi um garoto arteiro, mas era também bastante carinhoso.

Seu pai tinha grande conhecimento, era um advogado competente. Desejava que Rico terminasse a faculdade de Direito, mas, como era gazeteiro, só queria saber de água, mar e surfe. Parece até que já nasceu com a prancha no sangue. Por isso, apesar de inteligente, Rico colava dos colegas para passar de ano. Era malandro; o pai percebia e o ameaçava.

Sempre fui sensível, antecipei situações que aconteceriam. Quando a mãe de Rico fez 80 anos e foi internada no hospital, sabia que ia morrer. Sonhei que, antes de sair, Léa fechava as malas e levava-as para a clínica.

Seus pais achavam que surfe não era meio de vida, tinham medo que Rico passasse fome. Apesar do enorme receio, a mãe largava as coisas dele muito na minha mão. Era católica, não concordava. Chegou a dizer ao menino que só o deixaria levar vida de surfista se passasse no vestibular. Eu garanti, dei a minha palavra que seria aprovado. Todos queriam que Rico crescesse, prosperasse, faziam de tudo para isso. Seu pai, apesar de se dizer contra, no fundo adorava vê-lo surfando.

Rico sempre teve sorte com mulher. Suas namoradas eram todas cheias de ilusão, davam em cima direto. Nunca quis conhecê-las, para que não achassem que era eu quem deveria ou não aprovar seus romances. Claudia, sua esposa, foi quem, enfim, conseguiu amarrá-lo. É uma mulher forte, guerreira, muito amiga mesma. Foi fundamental no processo de amadurecimento do Rico. Mas do jeito que ele é, se eu fosse a Claudia, já teria fugido há muito tempo.

Rico sempre se virou. Dava seu jeito. Ora vendia jornal, tampinha, consertava, pegava, reformava... Sempre foi ótimo administrador. Foi às custas de muita luta que chegou lá. Por isso tudo, Rico merece muito, muito mesmo, tudo o que conquistou.

– **Cecília Lisboa Marques** –

mãe de consideração de Rico

Armações ilimitadas

.02



Cine Leblon, no Rio Antigo. Cenário de inúmeras travessuras na adolescência.

Manoel Soares / Agência O Globo

Chupando drops de anis no escurinho do cinema, casais apaixonados refrescavam o hálito entre uma sessão e outra de beijos e amassos. Mas não estavam longe de qualquer problema. Tampouco de um final feliz. Ao menos enquanto eu e o inseparável Vanderlei estivéssemos por ali.

Meu parceiro tinha uma vocação indescritível para fazer merda. Sua criatividade era infinita. Como havia uma pequena diferença de idade entre nós, Vanderlei conseguia me influenciar com certa facilidade. Antes de colocá-los em prática, gostava de passar a limpo seus planos mirabolantes, os quais fazia questão de explicar minuciosamente.

Os cines Leblon e Miramar eram alguns de nossos alvos prediletos. Este último, uma pena, já nem existe mais. Tinha um espaço enorme, na Avenida Delfim Moreira, com capacidade para até 1.259 pessoas. Lembro de ter ido lá uma vez com bastante febre, na *avant-première* do filme *Mar raivoso* (1964). A sessão estava lotada, inclusive de pranchas. Era parte de uma ação promocional muito maneira, que dava gratuidade a todos aqueles que levassem seu pranchão.

Mas mesmo nos outros filmes, também sempre dávamos um jeito de entrar sem pagar. Às vezes, esperávamos a multidão sair para nos

metermos no meio dela, fingindo caminhar na mesma direção. Só que, ao invés de andarmos para frente, despistávamos caminhando para trás. Era engraçadíssimo.

Lá dentro, o bicho pegava. Acendíamos cabeça de nego perto do vaso sanitário e saíamos dali antes da explosão, amplificada pela ressonância do banheiro. O mundo parecia desabar. A plateia, apavorada, saía correndo. Entre gritaria e muito empurra-empurra, procuravam a saída de emergência, deixando pra trás, em meio ao desespero, bolsas, carteiras e os anti-halitoses drops de anis.

Fazíamos o mesmo em quintais e piscinas da vizinhança, mas com morteiro. Ficava depois à espreita, gargalhando, enquanto observava a reação dos moradores. Soltar fogos era uma de minhas grandes diversões, uma tradição também entre a molecada da época. E como a mesada que recebia de meu pai costumava acabar antes do dia 15, passei a empreender precocemente para poder comprar mais.

Vanderlei e eu bagunçávamos também em supermercados. Uma vez – depois, cagada aprovada, repetiríamos – derrubamos uma pilha inteirinha de latas de leite condensado, pacientemente montada por um funcionário, uma sobreposta à outra. Para ninguém nos flagrar, fingíamos que era por acidente. Eu ficava de costas pra ele, que passava trombando por mim, para que eu esbarrasse na torre de latinhas. Era muito gozado.

Já os mais velhos da turma perturbavam a ordem arremessando pedras, tijolos e o que mais aparecesse pela frente em janelas desavisadas. Depois, ainda esperavam o morador descer, puto da vida, pra sentar a porrada nele. Era muita loucura. Ainda menos sorte tinha o cara se ele fosse proprietário de um fusca. Além de perder as vidraças, ficava também sem o brasão do capô, arrancado pelos vândalos para suas coleções. Além deste acessório, a rapaziada costumava juntar adesivos transparentes autocolantes com logos de diferentes marcas, o que configurou a primeira forma de mídia espontânea do país.

Também desembaraçadamente, mas escoltado por meu fiel escudeiro Vanderlei, consegui, certa vez, entrar escondido com uma gali-

nha no cinema. Vestia uma japona¹, e deixei apenas o bico da bichana pra fora. Plateia atenta, luz apagada, arremessei a galinha do segundo andar. O alvoroço foi imediato. Entre gritos e “cococós”, pessoas se empurravam e cotovelavam, correndo entre as fileiras, enquanto a penosa era jogada pra lá e pra cá feito peteca desplumada. Até hoje lembro da cara do lanterninha, espumando de raiva, enquanto nos fuzilava com os olhos. Era foda de aturar.

Hoje me pergunto como fui capaz de aprontar tantas como essa. Se fizesse alguma coisa parecida atualmente, seria facilmente confundido com um anarquista.

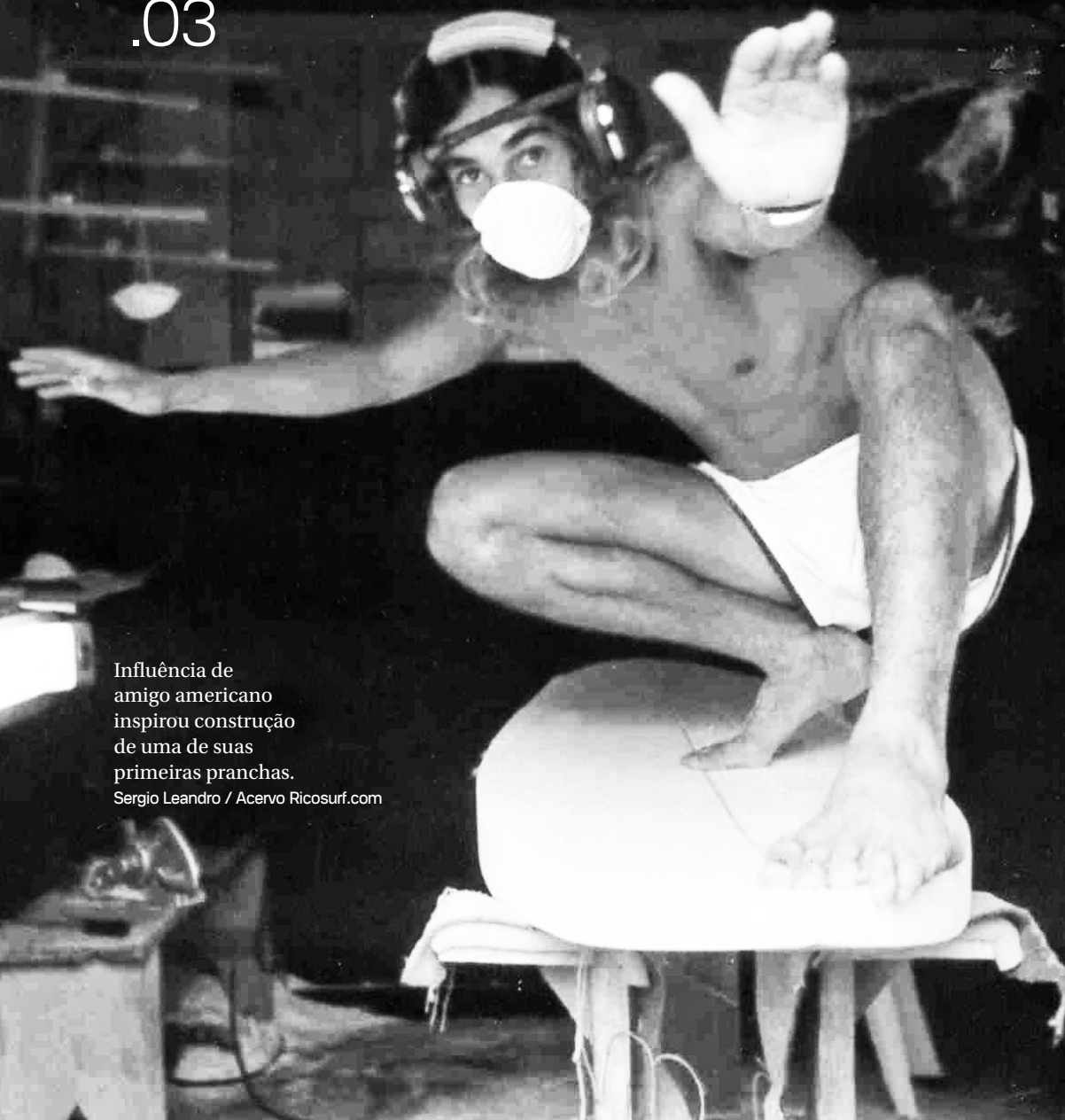
Já pensou a roubada que ia ser?

¹ Espécie de jaquetão, em geral de pano azul, usado por oficiais da Marinha sobre o uniforme, que era moda na época.

Um jovem e obstinado empreendedor

.03

Influência de
amigo americano
inspirou construção
de uma de suas
primeiras pranchas.
Sergio Leandro / Acervo Ricosurf.com



-Gar-ra-fei-ro! Gar-ra-fei-ro!
Puxando um carrinho rústico de duas rodas apinhado com as coisas que recolhia, comprava e vendia, o velho ambulante percorria dia a dia as ruas do Leblon atrás de garrafas, jornais e outras quinquilharias que lhe garantissem o sustento.

Tinha um sotaque forte e inconfundível, como inúmeros outros garrafeiros espanhóis e portugueses radicados no Rio daquele tempo. Eram filhos de imigrantes que haviam participado intensamente do movimento operário do Brasil, chegando a formar a maior parte do operariado nacional algumas décadas antes.

Quando eu ouvia seu brado, saía de casa carregado de garrafas, jornais e latinhas, pesadas por ele numa balança que transportava em seu carrete de ferro. Ele comprava ainda tampinhas largas de alumínio, que minha mãe guardava aos montes numa gaveta da cozinha, depois que acabávamos com o leite do frasco.

Passar ao garrafeiro estas mercadorias era uma maneira de ajudá-lo, mas de eu também ganhar um troco, assim como com as rifas que também vendia. Para arrecadar mais, montei uma banquinha na calçada. Eu conseguia as revistas de graça, pedindo na vizinhança. Eram

geralmente da mesma semana, por isso muitos optavam por adquiri-las comigo, sempre mais baratas. Por vezes, compravam como uma forma de incentivo, para dar uma força, sensibilizados em me ver ali, ainda tão novo, já batalhando.

Na minha banquinha de estrutura primitiva, negociava as revistas *Manchete* e *Cruzeiro*, além de gibis como *Mandrake* e *Capitão América*. As figurinhas da Copa do Mundo de 1966 também eram uma febre entre a criançada, que colecionavam e depois trocavam as repetidas. A emoção de completar o álbum, ao menos entre os pequenos, era uma forma de compensar a imensa frustração pela pífia participação do Brasil naquele Mundial, vencido pela anfitriã Inglaterra.

Mas minha Copa do Mundo particular ainda estava na fase preliminar. Tinha objetivos, vontade própria, não importava o que dissessem. Lutaria pelo meu pote de ouro ao fim do arco-íris. Comigo, não havia tempo ruim. Chovesse ou fizesse sol, entrava em terrenos de casas em demolição para recolher chumbo e tubos de cobre hidráulicos, atualmente feitos de PVC.

Havia descoberto que as Lojas Ipiranga estavam comprando metais. Fabricantes de tintas imobiliárias, ficavam na esquina da Avenida Ataulfo de Paiva com a José Linhares, em frente à igreja do Colégio Santo Agostinho. Pagavam por peso. Com o dinheiro que juntei, pude dar início à realização do meu sonho, embora, num primeiro momento, ainda gastasse com cabeções de nego, moleque que era.

Em meus rolés, via amigos mexendo em pranchas e ficava observando como eles faziam para consertá-las. Havia também um coronel aposentado da Aeronáutica que nada tinha a ver com surfe, mas que, inusitadamente, se apaixonou pela fabricação de pranchas. Aquilo virou uma grande atração entre a rapaziada, que começou a visitar a casa do coronel Parreiras, em São Conrado, cuja parte inferior fora feita de oficina pelo próprio. Foi dele, inclusive, que encomendei a minha primeira prancha de fibra de vidro, a São Conrado 042, a 42ª fabricada no Brasil (dois anos antes, em 1964, também com minhas economias, havia comprado uma de madeirite). Parreiras, que acabaria tendo grande contribuição para o surfe nacional, Ciro Beltrão, Mário Bração,

Tito Rosemberg e Penho foram pioneiros na confecção de pranchas no país. E também Carlos Mudinho, que seria o meu grande incentivador para a montagem de nossa própria oficina.

Quando iniciei no ramo, ainda timidamente, fazia pequenos reparos para amigos. Era ainda tudo muito arcaico, tempo de experimentações, mas, além do importante auxílio de Mudinho, havia aprendido alguma coisa só de olhar os outros fazendo.

Mas foi com um colega da Escola Americana, em sua garagem, que efetivamente produzi uma das minhas primeiras pranchas com material importado. Jimmy Harms morava no Leblon e foi graças a ele que conseguimos fabricar uma prancha de fibra de vidro. Harms viabilizou o material no país: conseguira resina, fibra e pigmento através do PEX, uma espécie de supermercado sem imposto e exclusivo para americanos que trabalhavam nas Forças Armadas. Como o seu pai, que se abastecia com produtos vindos dos Estados Unidos.

Foram os mergulhadores de pesca submarina do Arpoador e os alunos da escola americana que introduziram o surfe no Brasil, no fim dos anos 1950 e começo dos anos 60, pouco antes de ser deflagrada a Guerra do Vietnã, quando havia no arquipélago de Fernando de Noronha uma base militar americana.

A fabricação desta prancha acabou se tornando para nós um enorme desafio, pois a fizemos do nada, sequer havia uma maneira certa. Foi mesmo como um tiro no escuro. Mas que se constituiu, ao fim da produção, em pra lá de certo.

Quando completou 18 anos, Jimmy Harms foi estudar na Universidade de Princeton, em Nova Jersey. Outros americanos, como o Michael, gente-finíssima, saíram para servir as Forças Armadas no Vietnã. Era duro ver amigos indo para a guerra.

Sem Jimmy, fui incentivado por Mudinho a abrir o próprio negócio, em minha casa. Trabalharíamos juntos. Começamos consertando pranchas, o que dava até um lucro legal. Com pouca resina, comprada por baixo valor, podíamos fazer vários pequenos consertos (arranhões, avarias, amassados). Boa para o bolso, a relação custo-benefício era altíssima.

Nosso negócio passou a ficar mais conhecido quando conquistei meus primeiros títulos. A partir daí, ganhei fama, notoriedade e, na carona dela, um punhado de novos clientes.

Com a expansão do surfe, começamos também a fabricar pranchas artesanalmente. Teve uma, em especial, que surfava de maneira espetacular na água, ali pelo fim dos anos 1960. Fazia questão de cair direto com ela. Acabou como parte da decoração de casa, deixava-a sempre no canto da sala quando chegava das ondas. Um dia, parei diante dela e, testa franzida, observei-a, intrigado: “Caralho, essa prancha é toda torta, aê”. Assimétrica, tinha um lado muito mais largo do que o outro. Achei incrível que, apesar da irregularidade, manobrasse e adquirisse velocidade como poucas.

Naquela época, com lixadeiras, a gente descascava pranchas meio de orelhada, de improviso, tudo ainda era bastante primitivo. Durante o trabalho, bloco sobre a cadeira, modelávamos a prancha com ralador de coco. Mas não tínhamos noção de shape nem de proporção de resina. O jeito então era lançar mão do método tentativa e erro. Ao mesmo tempo, sobrava-nos vontade, e éramos safos, por isso as pranchas sempre funcionavam.

Inclusive a tortinha, que, mesmo nascida de um erro, comicamente acabou se configurando em um de nossos grandes acertos.



Rico e eu morávamos um em frente ao outro, no Leblon. Brincávamos juntos, embora nossa diferença de idade fosse grande para a época – ele tinha quatorze, quando o conheci, em 1966, e eu, apenas oito. Certa vez, no período de festas juninas, Riquinho soltou um balão daqueles bem vagabundos, que foi cair na casa do coronel Sobral. Brabo, ele costumava sair armado porta afora sempre que a molecada aprontava com ele ou a bola das peladas era chutada para seu quintal. Sobral deu uma bronca daquelas, mas Rico só ficava rindo, ele sempre fazia isso, o que deixava o coronel ainda mais possesso.

Quando não estávamos na rua, estávamos na praia. Já nesta época, Rico vislumbrava o surfe como algo mágico. Muitas vezes, voltava da escola com o caderno sem nenhuma anotação. Em vez de matérias, só fotos do Havaí. Ficávamos alucinados com aquele material, folheando imagem por imagem, encostados nos carros estacionados. Um dia Rico me apareceu com um pranchão enorme (ninguém chamava de longboard), era um Hobbie ou Hansen. Foi o maior alvoroço.

O surfe havia chegado com tudo. E o Arpoador era o point, os melhores estavam lá. Campeonatos vieram, títulos foram conquistados, até que Rico fez a sua marca. Pranchas e pranchas passaram a ser fabricadas, e as mais bonitas eram levadas para exposição em Ipanema. A partir de então, a economia do Estado do Rio de Janeiro mudou, outras marcas surgiram, grifes e revistas esportivas foram criadas, empregos foram criados e a turma mais jovem começou a praticar surfe. No embalo de tudo isso, assistimos ao filme *Alegria de verão* mais de dez vezes, no Cine Miramar.

As idas e vindas de Rico ao surfe internacional arejaram as ideias, trouxeram novos parâmetros, campeonatos. Foi desta forma que o mundo passou a conhecer o surfe brasileiro. Graças a ele, Rico. Com a sua coragem, perseverança, responsabilidade e compromisso, tornou-se símbolo e empresário do esporte, sem deixar de lado o jeito brincalhão de menino, o carinho com os amigos e a alegria no coração.

Contra a implacável marcação do pai

.04



Sebastião, pai de Rico,
de braços cruzados.
Postura enrijecida
combinava com seu jeito
rigoroso e disciplinador.
Acervo pessoal

RICO DE SOUZA é carioca e um dos mais populares e influentes atletas do esporte nacional. Lutou desde pequeno contra o preconceito e as dificuldades para dar vazão à sua paixão pela modalidade que ajudaria a popularizar no país. Graças às inúmeras pranchas que consertou, shapeou e fabricou, Rico lançou moda, estilo e virou marca através de produtos que levam o seu nome. Sua destacada performance à frente do surfe no país lhe rendeu os títulos de Cidadão Benemérito do Estado do Rio de Janeiro, Cidadão Honorário da Cidade e Embaixador do Surfe no Brasil. Único atleta até hoje patrocinado pela TV Globo, Rico de Souza, que atualmente faz parte de um grupo de notáveis da Comissão Nacional de Atletas, coleciona, dentro d'água, inúmeras conquistas, como o tricampeonato brasileiro e os títulos de vice-campeão mundial de longboard nos Jogos Mundiais Amadores da International Surfing Association e de segundo melhor do planeta no circuito da Association of Surfing Professionals. Sua história, seus feitos (muitos registrados no *Guinness World Records*), ações sociais – como a escola pioneira de surfe montada por ele – e sua importante atuação como ambientalista estão detalhadamente ilustrados no Museu do Surf by Rico, dentro do AquaRio, o maior aquário marinho da América Latina. Um rico legado deixado dentro e fora d'água.

JOÃO MARCELO GARCEZ é carioca, jornalista e autor de diversos livros. Foi roteirista da TV Globo, repórter do Jornal dos Sports e editor-chefe do jornal *O Debate*. Laureado com o título de Tricolor Ilustre pelo Conselho Deliberativo do Fluminense Football Club, Garcez foi colunista do *Globoesporte.com*, portal em que iniciou o seu premiado blog (*blogternoegravatinha.com*), eleito três vezes o melhor do País (Prêmio Top Blog). Pai de Melissa (8) e militante da causa animal, João, que é vegano, ensinou a filha a reverenciar a vida em todas as suas formas. Garcez também encenou peças e trabalhou em grandes grupos de comunicação, como DDB Worldwide e Dreamers, no qual está desde 2015.

“Rico nos sorriu para avisar da grande onda do surfe brasileiro, que vinha, veloz, do horizonte, e que só ele viu e acreditou.”

[*Pedro Bial, jornalista e apresentador de TV*]

“Pelo tanto que fez ao surfe, muita gente no Brasil confunde Rico com a própria modalidade. Rico acabou se tornando uma lenda vida.”

[*Zico, jogador de três Copa do Mundo e meio-campista recordista de gols na história do futebol*]

“Rico de Souza faz parte da galeria dos grandes campeões.”

[*Nelson Gomes, ex-diretor executivo da Central Globo*]

“Pensar globalmente, agir localmente”. É isso que Rico faz no surfe e no meio ambiente.”

[*Ana Gabriela Oliveira do Carmo, engenheira florestal*]

“Um dos nossos embaixadores mais atuantes e envolvidos.”

[*Édison Carlos, presidente executivo do Instituto Trata Brasil*]

“Rico de Souza já era uma referência quando comecei a acompanhar revistas de surfe, nos anos 1980, época em que comecei a pegar ondas.”

[*Gabriel, o Pensador, compositor e cantor*]



978-65-990375-6-6

Continue a sua leitura adquirindo o livro em

www.livrodorico.com



Realização



Patrocínio



SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA

MINISTÉRIO DO
TURISMO

